

A13918

IMPACTO CIDADES AO LONGO DA BACIA ESTÃO EM PROCESSO DE DECADÊNCIA GRADATIVA DA QUALIDADE DE VIDA, COM ESTAGNAÇÃO DA ECONOMIA NA MAIORIA DELAS

Bacia do Itapemirim pede socorro

Além das áreas degradadas, a região sofre com lixões ao ar livre e esgoto não tratado

ROSÂNGELA VENTURI

CACHOEIRO. As populações que vivem na região da Bacia do Rio Itapemirim (BRI) enfrentam um processo gradativo de decadência da qualidade de vida, como a maioria das cidades estagnadas economicamente.

O manejo inadequado do solo esgotou a função produtiva de boa parte das terras. Há, pelo menos, mil quilômetros quadrados de áreas degradadas.

Somam-se a esse quadro os impactos ambientais decorrentes do processo de industrialização e de urbanização sem planejamento, como o avanço de construções sobre o leito dos rios, lixões a céu aberto e esgoto não tratado.

As conclusões de um relatório socioeconômico, elaborado em 1998 e atualizado por técnicos que participaram da primeira etapa da Expedição no Rio Itapemirim, foram confirmadas in loco durante a segunda etapa do projeto.

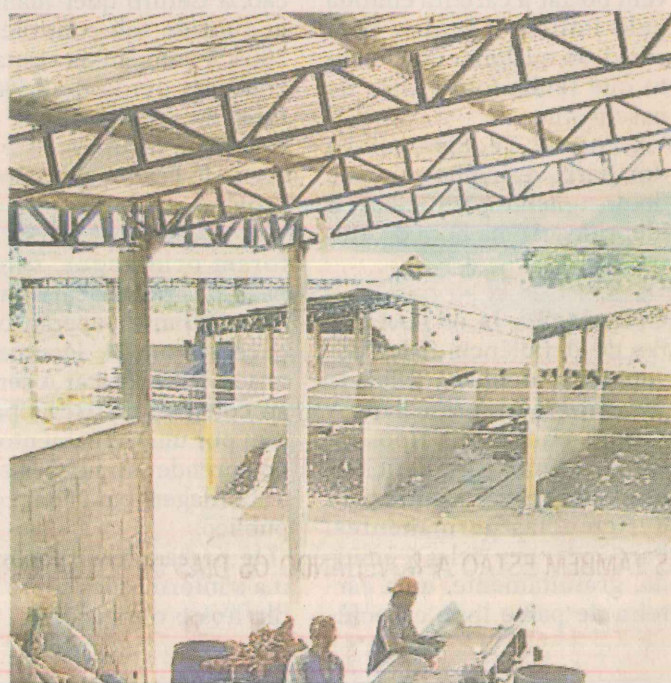
Uma equipe de técnicos e ambientalistas percorreu 250 quilômetros da bacia no período de seca, entre os dias 13 e 17 de setembro.

Os dados apurados em campo durante a Expedição vão subsidiar um trabalho amplo de educação ambiental a ser implementado na bacia, informa a coordenadora do projeto, Dalva Ringuier.

A iniciativa é da Regional Sul da Rede Gazeta, em parceria com o Poder Público.



MANANCIAL. Técnicos da expedição recolhem amostra no Rio Pardo, em Ibatiba. A cidade é exemplo de preocupação com a preservação. Ao longo do rio, dez cidades possuem estação de tratamento, que funcionam de maneira insatisfatória. FOTO: ROSÂNGELA VENTURI



Perfil da Bacia

O Espírito Santo possui 12 Bacias Hidrográficas. No Sul do Estado há a do Rio Itabapoana e a do Rio Itapemirim (BRI) com área de 687 mil hectares.



Rios assoreados e morros descobertos

Na região da bacia do Itapemirim é comum avistar morros completamente descobertos. Pouco mais de 7% dos 687 mil hectares têm cobertura florestal. Em vários pontos, como na localidade de Roseira, interior de Alegre, há sinais de desertificação.

Os vestígios do esgotamento da capacidade produtiva estão por toda a parte: enormes sulcos cavados em áreas antes ocupadas por lavouras ou pastagens.

A erosão avança, carreando terras para o leito dos rios e córregos, cada vez mais assoreados. No Rio Itapemirim, trecho entre Itapemirim e Marataízes, bancos de areia são comuns nessa época. Há locais em que a lâmina d'água não passa de 30 centímetros.

João Batista Pavesi, engenheiro agrônomo e professor da Escola Agrotécnica de Alegre (Eafa) diz que a situação é resultado de 120 anos de práticas agrícolas equivocadas. Primeiro as terras foram desmatadas para dar lugar às lavouras de café. Várias décadas depois cederam espaço às pastagens que hoje ocupam 51% da área da bacia.

E pelo menos um terço desse total, o correspondente a mil quilômetros quadrados, se encontram degradados. "Grande parte da bacia está nesse processo. A terra não infiltra mais a água. O efeito pode ser percebido na redução dos recursos hídricos".

A questão da qualidade da água está na ordem do dia. Mas para Pavesi, é preciso primeiro pensar em termos de

17 de setembro.
Os dados apurados em campo durante a Expedição vão subsidiar um trabalho amplo de educação ambiental a ser implementado na bacia, informa a coordenadora do projeto, Dalva Ringuier.

A iniciativa é da *Regional Sul da Rede Gazeta*, em parceria com o Poder Público, grupos privados e organizações não-governamentais.

O setor agropecuário, base econômica, é apontado como o principal degradador. Das 18 cidades da BRI, somente em Cachoeiro de Itapemirim e Iúna se usa o aterro sanitário. Mas o tempo de vida útil já está se esgotando.

O município de Ibatiba desponta como exemplo de destinação adequada. Já tem uma usina de reciclagem e compostagem acelerada em pleno funcionamento. A gestão fica a cargo da Cooperativa de Recicladores.

Em relação ao esgoto, dez municípios possuem estação de tratamento, mas funcionam de maneira insatisfatória. As exceções são Jerônimo Monteiro e Cachoeiro de Itapemirim que deverão chegar ao final do próximo ano com 85% do esgoto tratado na área urbana.



LIXO. Ibatiba tem uma usina de reciclagem e compostagem em pleno funcionamento. FOTO: ROSÂNGELA VENTURI



- 8 Iúna
- 9 Jerônimo Monteiro
- 10 Muniz Freire
- 11 Muqui
- 12 Vargem Alta
- 13 Venda Nova do Imigrante
- 14 Itapemirim
- 15 Cachoeiro do Itapemirim
- 16 Marataízes
- 17 Presidente Kennedy (todos do ES) e
- 18 Lajinha (MG)

A Gazeta - Ed. de Arte - Gilson

mil quilômetros quadrados, se encontram degradados. "Grande parte da bacia está nesse processo. A terra não infiltra mais a água. O efeito pode ser percebido na redução dos recursos hídricos".

A questão da qualidade da água está na ordem do dia. Mas para Pavesi, é preciso primeiro pensar em termos de quantidade. "Qualidade é importante, mas sem quantidade não tem qualidade", analisa.

SAIBA MAIS

■ **Expedição.** A expedição esteve em Ibatiba, Iúna, Alegre, Jerônimo Monteiro, Cachoeiro de Itapemirim, Presidente Kennedy, Itapemirim e Marataízes. No último dia, a equipe desceu o Rio Itapemirim de barco.

■ **Resultado.** No próximo dia 18, será realizado no Teatro Municipal Rubem Braga, um seminário para apresentar o resultado da 2ª etapa da Expedição Científica do Itapemirim. A TV Gazeta Sul exibe nesta semana uma série de reportagens sobre o projeto.

ANÁLISE Dalva Ringuier

Agricultura e turismo

O processo de recuperação da BRI passa, necessariamente, pela formulação de um modelo de desenvolvimento regional sustentável, alicerçado na agricultura, na agroindústria e no turismo. Esse modelo deve prever a criação das condições necessárias à inserção favorável dos produtores, especialmente os familiares, no processo de globalização econômica, incentivando-os a produzir com eficiência e eficácia, de modo a se tornarem mais competitivos, não só pela quantidade produzida, mas também pela qualidade de seu produto. Além disso, os sistemas de produção devem se ajustar, ao princípio da sustentabilidade ecológica, no longo prazo, minimizando os impactos negativos sobre o ambiente agrícola para garantir vida saudável às gerações futuras.

Dalva Vieira de Souza Ringuier Cientista Social

ÁGUA PARA AS PRÓXIMAS GERAÇÕES



Há dez anos o produtor Antônio Gomes, 50, decidiu derrubar mil pés de café e plantar árvores nativas para preservar uma nascente. "Sem água ninguém vive. Meus filhos e netos verão a área reflorestada".

ANTÔNIO GOMES
Produtor rural



A professora Simone Vieira Emerick, 28, utilizou argumentos extremos para convencer o marido a abandonar o uso de agrotóxicos. Ameaçou se divorciar. Hoje a família é pioneira na produção de café orgânico em Ibatiba.

SIMONE VIEIRA EMERICK
Professora



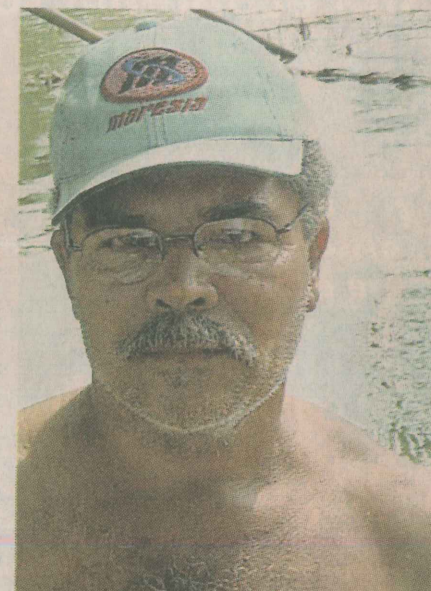
Aos 79 anos, o agricultor Aier Rodrigues, de Ibatiba, está imobilizado numa cadeira de rodas. Ele adoeceu por causa do uso de agrotóxicos. O agricultor chora ao se lembrar de como usava os venenos sem proteção.

AIER RODRIGUES
Agricultor



Aos 65 anos, Adevalmira Adão Ventura mantém o costume de lavar roupa no córrego, próximo a sua casa, em Cachoeiro. Com o conhecimento de quem frequenta o manancial há 50 anos, ela diz: "a água está acabando".

ADEVALMIRA ADÃO VENTURA
Dona-de-casa



O pescador Sebastião Luís Ferreira, 56, da localidade de Coutinho, em Cachoeiro, sempre viveu da pesca. Ele afirma que peixes nativos como tainha e o cascudo são cada vez mais raros. "Agora é difícil conseguir peixe".

SEBASTIÃO LUÍS FERREIRA
Pescador